

OS PREDICADOS DO PROFESSOR

ARACELY DO PRADO

Interessa-nos, neste estudo, assinalar sòmente as qualidades positivas do professor. Passaremos em revista alguns dos requisitos imprescindíveis a quem se dedica ao magistério, a fim de ser qualificado de bom educador. Após certo estudo acêrca do assunto e outro tanto de observações pessoais, colhidas na prática, concluimos que o professor ideal deve reunir em si uma série de elementos indispensáveis para a execução eficiente de sua tarefa. Outrossim, parece-nos um tanto difícil precisar qual dêles mereça ser classificado em primeiro lugar, na ordem de importância para o mestre, isto é, que lhe seja mais útil. Segundo entendemos, tôdas estas qualidades devem simultaneamente completar-se, desempenhando cada uma a parte que lhe corresponde. Uma não exclui a outra nem a substitui. Cada qual encerra uma função definida, pelo que se justifica a sua existência. Só assim haverá perfeição no conjunto. Quanto maior o número de virtudes combinadas possuir o professor, tanto maior será o seu êxito ao ensinar e o aproveitamento do aluno ao aprender.

Embora os atributos do educador possam ser multiplicados às dezenas, procuraremos examiná-los mais ou menos englobadamente, classificando-os em dois grupos: dotes intelectuais e dotes morais (inatos e adquiridos).

No primeiro caso deparamos com o problema do preparo do mestre. De antemão convém salientar que se trata de um fator primordial a quem abraça semelhante profissão. O professor é, por definição, aquêlê que ensina algo a alguém. E como só aquêlê que tem pode dar, assim só pode ensinar quem aprendeu. E para quem deve e quer aprender a única indicação é o estudo sistemático. Não se concebe um individuo sem nada na cabeça, em pé diante de uma classe, a se arrogar o direito e o título de professor. Irá ensinar aquilo que êle próprio ignora? Impossível. Professôres dêste teor não passam de “matadores” de tempo — o que é um crime.

A Escola existe com o fim de comunicar aos alunos, a par de valores morais, certas noções de cultura. Por isso se faz necessário que o professor seja dono de sólidos conhecimentos culturais, técnicos ou científicos, se fôr o caso. Deve êle estar bem informado acêrca da disciplina preferida, sob seus variados aspectos, e também não ignorar as matérias afins. Conhecendo com segurança a relação existente entre

elas, dispõe o mestre de maiores recursos para a realização do ato docente. A sua capacidade intelectual, além de ser elemento de primeira ordem para o exercício do magistério, representando, por assim dizer, o seu certificado de habilitação, serve para assegurar a confiança e o respeito dos educandos. O mestre torna-se o modelo ao qual todos desejam equiparar-se.

O professor que não tiver suficiente preparo está fadado ao fracasso, mais cedo ou mais tarde. Pode ser até muito “bonzinho”, mas, se não conseguir dar ao discípulo a base necessária para o ingresso em cursos superiores ou, o que é mais ainda, um método de trabalho exigido pela vida prática, já se pode contar entre os náufragos profissionais. A título de exemplo, basta citar-se a revolta natural dos próprios alunos, quando verificam que não receberam aquilo a que tinham direito.

Há uma idéia corrente, em especial, entre os que não puderam, por qualquer motivo, adquirir boa formação cultural, que diz ser desnecessário o preparo do educador. Defende a auto-suficiência da perícia adquirida na própria execução do trabalho. Ora, não desconhecemos o valor considerável da prática no exercício de qualquer profissão, e, mórmente, no magistério. Ao contrário, apressamo-nos a reconhecer-lhe como excelente auxiliar do ensino. O que não admitimos é poder a prática substituir o preparo intelectual especializado. De que servirá a prática a quem não tiver o que ensinar? Inversamente, quem conhece em profundidade a disciplina que pretende ensinar, embora neófito na profissão, não tardará a apossar-se da técnica de ensino que lhe é garantida por métodos racionais e pela experiência diária em contato com a classe. Enfim, a falta de prática é denominador comum que figura apenas no início de tôdas as profissões. Tanto poderá conquistá-la o sábio como o ignorante. E ninguém deixará de crer que a vantagem está com o primeiro. Como se vê, a cultura vence em toda linha. Quem quer que se entregue ao mister de educador deverá ter em alta conta o conhecimento básico da matéria que leciona.

Até aqui temos valorizado sobejamente a cultura na formação profissional do professor. A esta altura, porém, fique fora de dúvida que o preparo intelectual do mestre, por mais completo e aprofundado que seja, não se basta a si mesmo. É indispensável e tem de por força existir, mas, em função de outros valores igualmente indispensáveis. Representa apenas metade do aparelhamento que o candidato ao magistério está na obrigação de exibir ao encetar a tarefa educacional. Se é nobre por referir-se ao aspecto informativo da Escola, mais nobre ainda são as virtudes suplementares por serem as responsáveis pela formação do caráter do educando.

É bem extenso o rosário de qualidades que o mestre deve possuir e desenvolver. Variam entre os pedagogos as atribuições confiadas a cada uma delas. Por vêzes os pontos de vista se mostram até opostos.

O que é de grande valor para um deixa de ser para outro. Discute-se ainda se há de fato uma vocação para o magistério ou se esta profissão pode ser exercida por qualquer pessoa (de boa vontade ainda que não entenda do assunto) sem prejuízo algum. Há os que defendem e os que combatem um e outro partido, reciprocamente. O mesmo se dá em relação à prática e ao preparo como já foi mencionado.

Enumeramos, a seguir, alguns dos principais atributos que devemos encontrar num professor exemplar. Embora contrariando, talvez, a opinião de eminentes autoridades no assunto, cremos deixar definida a nossa posição individual em face do problema. Não vai aqui nenhuma arrogância ou pretensão absurdas, mas, a pura sinceridade.

O primeiro passo a ser dado por um indivíduo que deseja fazer-se educador é conhecer — e bem — aquilo que deve ensinar. Logo depois deve estar de posse de todos os elementos que o habilitarão a realizar com sucesso o ato educativo. Êstes predicados tão defendidos quão combatidos são de natureza moral. Alguns nascem com êle; outros podem ser adquiridos e cultivados. Até que nos convençam do contrário defenderemos a tese de que o professor nasce para o magistério. Cremos piamente que o mesmo que ocorre com o médico, o escritor, o advogado, o evangelista, que na realidade merecem êsse título, também se dá com o professor. Nenhum dêsses profissionais chegou a ser o que é — um verdadeiro apóstolo — apenas por ter cursado uma universidade. Cada um dêles deve ter tido colegas de classe que foram completo fracasso; a negação personificada diante de um bisturi, de uma caneta, de um código, ou de um púlpito. Tudo isto porque não vieram marcados de bêrço com o estigma de sua vocação. E é por isso que se vêem, com freqüência, alunos de um curso transferirem-se voluntariamente para outro porque se convenceram — e ainda bem — de que estavam deslocados na sua futura vida profissional. Como há um nascimento para a medicina ou para o direito, assim há de igual sorte, um nascimento para o magistério. Não é médico quem dá um atestado de óbito; não é advogado quem faz um inventário; nem professor quem passa 50 minutos numa sala, “ensinando” sem que os alunos aprendam coisa alguma...

Sendo que os educadores são poucos, surgem muitos lecionadores para lhes suprirem a falta. Podem assim os professôres ser divididos em duas classes: vocacionados e circunstanciais. A diferença entre uns e outros é que os primeiros, através da lição ministrada, se preocupam em formar a personalidade e o caráter do aluno enquanto os últimos conseguem apenas deformá-lo... E êstes contrabandistas do ensino ocupam lugar até em bons colégios oficiais e particulares.

Quer se queira quer não, o professor PROFESSOR, com maiúscula, nasce para êste mister e é por isso que só êle sabe fazer com natura-

lidade o que outros com esforço não conseguem por mais bem intencionados que sejam. Nem mesmo o saber substitui a vocação, a habilidade de ensinar. Quem não tiver tato, aptidão para dar uma aula, ainda que possua conhecimento enciclopédico, fará sempre trabalho medíocre. As aulas mais “cacetes”, mais confusas e em que menos se aprende são comuns entre professores de alto nível intelectual. Donde se observa que só o conhecimento não faz o bom professor. Por isso é preferível, em certos casos, aquêle, embora menos erudito, mais se faz compreender. Não ignoramos, é claro, que quando os dois elementos — saber e habilidade — se encontram num só indivíduo temos então o professor ideal. Tais casos são raros e por isso mesmo têm mais valor.

A habilidade de ensinar consiste na arte de aproximar alunos e professor, tornando a aprendizagem um prazer. É o segredo de obter o máximo dos alunos no menor espaço de tempo e com o mínimo desgasto. O mestre hábil e vocacionado sobrepõe-se aos problemas diários, domina-os com firmeza e eqüidade sem deixar-se afetar por êles. Tem domínio total sobre a classe e maneja-a como se fôsse uma só criança. Controla a todos porque é controlado; goza simpatia porque é simpático; os alunos lhe devotam amizade porque sabe ser amigo; é respeitado porque respeita; mantém o interesse da classe porque se interessa por ela. O professor digno dêsse nome é um homem de boa personalidade, sagaz e de muito tato. Impõe-se mais pelo porte do que pelas palavras. É tão justo quanto possível. Procura sempre corresponder à confiança dos alunos e ao bom juízo que fazem dêle. É em tôdas as atitudes um homem ponderado. Evitando os extremos, que são desastrosos, procura ser equilibrado, descobrindo sempre um meio termo para as suas decisões. Interessa-se mais pelo real aproveitamento de seus alunos do que pelo culto dos programas e compêndios. É paciente, amável e compreensivo, ainda que enérgico e exigente. Em suma é um didata e um psicólogo. Tem em mira conhecer bem os seus alunos para depois adequar-lhes apropriadamente o que lhes tem a ensinar.

Tôdas as virtudes morais podem ser enfeixadas nestas duas: habilidade e vocação. Esta nasce com o professor, aquela pode ser conquistada e desenvolvida sem limites.

Em conclusão, devemos acrescentar que tão importante é para o mestre o saber como a habilidade. O essencial é que ambas as qualidades se encontrem fundidas no mesmo indivíduo, completando-se reciprocamente. Exigir a presença de uma independente da outra, sem prejuízo para o ensino, é o mesmo que conceber-se um edifício sem alicerce ou sem teto. Não há o que justifique a existência de um ou de outro isoladamente. Tanto êste como aquêle só funcionam em conjunto. Idêntico é o que ocorre em educação. O saber é o que se ensina; a habilidade é a maneira como se ensina, é a arte de ensinar.